

É certo que nos construímos a nós próprios enquanto partimos duma espontaneidade dinâmica, que nos surge como dado. O acto exige, pois, uma base de acção espontânea que nos é concedida ao encontrarmo-nos a existir.

No entanto, a menor clarificação de certos aspectos do sistema laveliano condiciona interrogações ou pode levar-nos a conclusões interpretativas menos certas³⁷.

Januário Torgal Ferreira

³⁷ Dos estudos publicados sobre Lavelle destacamos os seguintes: O. M. Nobile, *La filosofia di Louis Lavelle*, Pubblicazione della scuola di filosofia delle R. università di Roma, Sansoni Editore, 1943, 145 págs.; Christiane d'Ainval, *Une Doctrine de la Présence Spirituelle, La philosophie de Louis Lavelle*, Paris, Béatrice-Nauwelaerst, 1967, 366 págs.; Gilbert G. Hardy, *La vocation de la liberté chez Louis Lavelle*, Paris, Béatrice-Nauwelaerst, 1968, 128 págs.; Bechara Sargi, *La participation à l'être dans la philosophie de Louis Lavelle*, Paris, Beauchesne et ses Fils, 1957, 167 págs.; Gonzague Truc, *De Jean-Paul Sartre à Louis Lavelle*, Paris, Éditions Tisserot, 1946 (sobre Louis Lavelle, págs. 133-203 e 211-220); Paule Levert, *L'Être et le Réel selon Louis Lavelle*, Paris, Aubier, 1960, 232 págs.; Pier Giovanni Grasso, *Lavelle*, Brescia, La scuola editrice, 1946, 212 págs.; Jean École, *La métaphysique de l'être dans la philosophie de Louis Lavelle*, Paris, Béatrice-Nauwelaerst, 1957, 312 págs.

REFLEXÕES SOBRE A PSICOLOGIA EXPERIMENTAL*

Aquilo a que nos propomos nas linhas que se seguem, é uma reflexão preliminar sobre a chamada psicologia experimental, seus âmbitos, e por vezes confusos parâmetros.

Clássicamente se aceita que uma ciência se define pelo seu objecto e pelo seu método. E sendo assim, a simples inferência linguística nos permite concluir tratar-se na psicologia experimental do estudo experimental dos fenómenos psíquicos, asserção pela qual o iniciado em psicologia toma contacto com esta matéria. Daí, o pôr-se em relevo a adaptabilidade de metodologia experimental ao mundo vastíssimo

* Consideramos útil para o estudo das questões tratadas neste artigo a seguinte bibliografia:

- L. FESTINGER et D. KATZ — *Les Méthodes de recherche dans les sciences sociales*, traduction française, P. U. F., Paris, 1959; 1ère édition américaine, The Dryden Press, New York, 1953.
- P. FRAISSE et J. PIAGET — *Défense de la méthode expérimentale en psychologie*, avant-propos du Manuel Pratique de Psychologie Expérimentale, P. U. F., Paris, 1956.
- *Traité de Psychologie Expérimentale*, fasc. I, «Histoire et Méthodes», P. U. F., Paris, 1963.
- J. PIAGET et B. INHELDER — *La Psychologie de l'enfant*. Que sais-je? 369.
- PIERRE GRECO — *Epistémologie de la Psychologie*, Encyclopédie de la Pléiade, Logique et connaissance scientifique, 1967.
- M. REUCHLIN — *Les Méthodes quantitatives en psychologie*, P. U. F., Paris, 1952.
- KURT LEWIN — *Principles of topological Psychology*, McGraw-Hill, New York, 1936.

dos fenómenos psíquicos. Daí também a tendência aparentemente ultrapassada, mas latente, de se discutir a identificação parcial ou não identificação destes com todo um mundo de valores — que realmente não é posto em questão por fenómenos mensuráveis, pois envolve estes numa dinamização polivalente e transformadora, de que o homem, a sociedade, e a história de ambos, fazem o esqueleto.

E sem intenção imediata de esquematizar, pelo contrário, de reflectir — o que poderá levar a esquema — podemos sempre interrogar-nos do porquê do nascimento relativamente tardio de uma ciência que por interesse prioritário — porque ao homem que «aparece» real e efectivo diz respeito — poderia na história do pensamento brotar naturalmente com os primeiros porquês, e sobretudo, com os primeiros «como», dado que na busca das razões internas das suas relações com o mundo, através dos seus actos e dos actos dos outros, elaboraram sistemas repetitivamente universais, os grandes filósofos. A metodologia das ciências aquietou-nos de certo modo em relação a esta questão, mas a níveis que não estritamente da coerência lógica, talvez só possamos ser esclarecidos aquando do estado adulto da psicologia como ciência. Aliás, longa foi a gestação de algumas daquelas ciências que, por fazerem de factos concretos e precários o seu exclusivo objecto de estudo, ganharam foros de independência relativamente à reflexão inicial sobre o mundo das coisas e das pessoas. E lenta, de arranque difícil, tem sido para os que vivem no nosso tempo o crescimento da psicologia científica, possivelmente por dizer respeito apenas e só ao que o homem é como ser actuante de um simbolismo agido, o que não se delimita facilmente. Como consequência, verificamos a ineficácia e ininteligibilidade do binómio: psicologia — fenómenos psíquicos, aumentados com todo o cariz de rigor e precisão que acarreta a expressão «experimental», por muito que se defina «fenómeno» e «psíquico», e por mais que se refiram todas as etapas, nuances e características do método experimental. Pelo contrário, quanto mais se clarificam e logificam tais noções, mais se correm riscos não só de errar metodologicamente, como de reduzir o método ao objecto e vice-versa, o que já não comporta apenas lacunas de tipo metodológico.

Na verdade, supomos que para que uma ciência se possa definir pelo seu objecto, é necessário que a existência desse objecto seja verificada distintamente como tal, e sobretudo persista como conteúdo suficientemente coeso para determinar o método mais adequado e como que fabricar a linguagem única que lhe será própria. Método e linguagem moldam e informam então a coesão inicial, transformando-a em conteúdo susceptível de enriquecimento progressivo.

Ninguém duvida que nessa busca se ocuparam as «ciências da natureza» e que por isso se referem, escolarmente, nos primórdios da história da psicologia, Claude Bernard, Weber e Fechner (a par de veladas referências a Flaubert, Zola e Dostoiewsky, pelo facto de terem assumido a priori a função de descritores de alguns perfis-tipo do género humano, esboçando futuros dualismos).

Todos sabemos também que a citada linguagem ainda não foi encontrada não obstante o objecto ou conteúdo possível da psicologia se delimitar já nos nossos dias, em termos de textura relativamente diferenciada, e o método se tenha imposto com primazia na tríade: conteúdo — método — terminologia.

No entanto, como diz significativamente Paul Fraisse na primeira página do «*avant-propos*» do «*Manuel Pratique de Psychologie Expérimentale*» intitulado «*Défense de la méthode expérimentale en Psychologie*»:

«Pour beaucoup, la psychologie expérimentale est la psychologie de laboratoire, que l'on distingue de la psychologie animale, pathologique, génétique, sociale, comme si dans ces différents domaines la méthode expérimentale n'était pas utilisable et utilisée. D'autres vont encore plus loin dans un sens restrictif, qui ne conçoivent la psychologie expérimentale qu'armée d'appareils complexes et coûteux et qui l'opposent par exemple à la méthode des tests qui peut se contenter de simples questionnaires.

Ces confusions sont entretenues, il est vrai, par des mauvaises habitudes qui se retrouvent dans la dénomination des chaires et des laboratoires,

des certificats et des diplômes et jusque dans les titres des ouvrages...

... Il apparaît immédiatement que la méthode expérimentale peut être employée en psychologie animale comme en psychologie pathologique ou sociale, par des gestaltistes, des reflexologistes ou même des analystes.

Méthodes et théories dans leurs implications réciproques concourent à l'édification d'une science psychologique qui va vers l'unité.

Este caminhar para a unidade põe em questão o argumento sempre velho e novo, tantas vezes utilizado em desfavor da psicologia científica, de que, dado basear-se esta no conhecimento de cada ser humano dinamicamente distinto de todos os outros, e «parce qu'il n'y a de science que du général, la psychologie... ne saurait s'ériger en science»¹. Para os psicólogos, necessariamente experimentalistas, tal argumento confunde o indivíduo com o contingente e com o singular, sendo impossível não recorrer à análise dos caracteres particulares como chave, naquelas ciências que têm como objecto o estudo do indivíduo, seja a que nível for. Realmente, para que este possa ser conhecido, é necessário que, conquanto único nas características ainda não determináveis da sua unidade, possa ser ponto convergente de leis gerais, à medida que a indução empírica esclarece as condutas humanas. E naturalmente cairíamos na oposição segundo Fraisse mais formal que real, entre a psicologia do experimentalista e as psicologias compreensivas, discussão que de momento ultrapassa o nosso objectivo.

Para já, uma série de questões se nos podem pôr de maneira mais ou menos ordenada:

a) O método experimental funciona como processo de elaboração do que neste momento da evolução da psicologia é observável e susceptível de ser formulado como hipótese

¹ *Op. cit.*

comprovável. Neste sentido a psicologia experimental tem como objecto o que nas ciências psicológicas puder ser elaborado por aquele método, ultrapassando amplamente os continuadores de Théodule Ribot, que retomando os argumentos de Augusto Comte renunciavam à alma-substância e à introspecção para tratar os «... fenómenos, às suas leis e as suas causas imediatas»² (Simplesmente Ribot não chegou a utilizar o método experimental, restringindo-se à observação da patologia mental, pelo que Bergson pôde facilmente criticar a sua concepção das faculdades mentais, que, finalmente e apesar do epifenomenismo, Ribot não ultrapassa. Na verdade, estabelece posteriormente o valor da introspecção quer como meio indispensável de informação, quer como processo de análise dos fenómenos).

Em termos diferentes se integra o método experimental na «revolução watsoniana», posto em relevo por Piéron quando da lição inaugural na École des Hautes Études³ com o manifesto de J. B. Watson⁴. A psicologia aparece então como uma ciência do comportamento, reflexologia, behaviourismo ou antroponomia, fazendo da experimentação não só o elemento necessário mas suficiente para a fundamentar como ciência autónoma.

Posta a questão nestes termos e apesar das posições assumidas por Titchener, simultaneamente fiel a Wundt e a um associacionismo analítico, de Dewey, adepto de um «funcionalismo» que se opõe a Titchener, e do próprio Gestalt na sua forma original, assiste-se à hiper valorização do método e da sua possível utilização em psicologia profunda e dinâmica, vectores até há pouco inexistentes para os experimentalistas, mas actualmente centro de atenções e expectativa.

De momento, o que nos interessa não é sabermos até onde o método experimental nos pode elucidar no que se refere ao conhecimento do homem, mas em que condições o contexto da psicologia experimental é suficiente e sustentável

² Théodule Ribot. Préface à *Psychologie anglaise contemporaine*, 1870.

³ Cf. Henri Piéron, *Evolution du psychisme*, in «Revue du mois».

⁴ Cf. J. B. Watson, *Psychology, as the Behaviorist views it*, in «The Psychological Review», 1913.

como sistema explicativo. A tendência reducionista ao método pode levar a concepções de comportamento tais como, no dizer de Piéron, «a actividade dos seres e as suas relações sensorio-motoras com o meio»⁵ e, considerando os progressos da fisiologia, que «a psicologia científica perderá a sua individualidade». Em 1914 Watson sustentava a hipótese da natureza inteiramente físico-química a toda a resposta no contexto S-R, o que pode pôr em dúvida não só a riqueza do método como o potencial científico da psicologia. Tais asserções, em certa medida adequadas à época, serão nos nossos dias, em relação à psicologia, paradoxalmente prematuras.

b) Aplicável como referimos, o método experimental a vectores vários da psicologia em dissecações não completamente determinadas (pois não se torna necessário saber, por exemplo, até que ponto a cibernética se situa entre a biologia e a física, para melhor determinação das suas relações com a psicologia quando considerada esta como um dos seus terrenos de projecção?) e tendo-se já afirmado tenderem estes vectores para a unidade, é óbvia a necessidade de opção por aquele cuja coesão de conteúdo forneça um maior grau de hipóteses comprováveis e que por características próprias de necessidades explicativas crescentes possa abranger os outros, o que só acontecerá investigando o processo de formação dos «fenómenos psíquicos» sem o qual não se encontrarão denominadores comuns. Sem eles e sem a consequente fundamentação epistemológica, poder-se-á pôr sempre em causa a maturação da psicologia científica, qualquer que seja o método a adoptar.

Ainda para evitar ambiguidades, delimitando a vastidão de conteúdos à investigação da génese dos fenómenos, e sem abdicarmos da precisão que a experimentação implica, parece-nos oportuno lembrar em termos genéricos as relações — consideradas estas no sentido de autonomia, e ligações — no sentido de dependência, existentes com outras ciências. É de cultura geral e já referimos a ligação estreita da psicologia com

⁵ Cf. H. Piéron, *Evolution du psychisme*, na «Revue du mois», Março de 1908.

as ciências da natureza às quais foi buscar o método ajustando-se e ajustando-o — o que para não implicar flutuações que possam pôr em risco o rigor intrínseco, exige reflexão atenta — valorizando sobremaneira a observação, quer em sentido puro, quer na sua modalidade de «método clínico», afinando os instrumentos a utilizar, e ampliando desse modo, o campo da experimentação. E não só o método a psicologia vai buscar às ciências da natureza, mas também a informação complementar sem a qual não é possível referir a unidade para que tende. Por essa razão os cursos superiores de psicologia com estatuto universitário, e mesmo sem estatuto universitário, incluem uma heterogeneidade de matérias em que a selecção obedece a critérios sócio-culturais mais ou menos distintos, mas cujo fio condutor, em princípio, procura objectivos comuns⁶.

Conquanto dos diferentes contextos não ressaltem imediatamente preocupações epistemológicas, sabemos que, especialmente no Instituto Jean-Jacques Rousseau (referenciado em nota 6), centrado na figura de Piaget e no seu centro de epistemologia, essas preocupações estão latentes. Acrescente-se que as diferenças essenciais entre as matérias da psicologia experimental e genética não são para os iniciados tão nítidas como os títulos das cadeiras podem sugerir, pois apenas diferem pelo facto de na primeira se organizarem e elaborarem experimentalmente os dados que na segunda aparecem já como resultado de investigação susceptível de ser ou não integrado numa perspectiva genética.

Não é nossa intenção pôr em relevo a epistemologia da psicologia e muito menos analisar a posição de correntes filosóficas em relação à validade dos seus postulados científicos. Isso obrigar-nos-ia a rever o que Pierre Gréco⁷ refere

⁶ A título de exemplo referiremos, em anexo, o projecto de plano de estudos para licenciatura em psicologia elaborado pelo Instituto Jean Jacques Rousseau, departamento da Universidade de Genève, no ano 1969-1970, afixado na respectiva secretaria para informação geral.

⁷ Encyclopédie de la Pléiade — Logique et connaissance scientifique — Epistémologie de la Psychologie. Pierre Gréco.

como sendo o veto do positivismo, a crítica bergsoniana, a ambiguidade do modelo freudiano (hipóteses fisicalistas e significação lógico-epistemológica da noção do inconsciente) o gestaltismo como epistemologia da estrutura, a «psicologia fenomenológica», e levanta toda a problemática da epistemologia das ciências humanas. X

Também não é nossa intenção fazer opções definitivas, mas considerar a plasticidade e dimensão da psicologia experimental nos termos postos, e a necessidade de na prática justificarmos possíveis opções imediatas, que não podem deixar de ser condicionadas, naturalmente, por factores externos e internos.

Do dualismo — rigidez do método, vastidão de conteúdos — renascem as ambiguidades tantas vezes referidas quanto à comparticipação de tais matérias em cursos de implicações e objectivos diferentes, pelo que nos pareceu oportuno delimitar os campos de acção e de estudo, delimitação que naturalmente se impõe, que pode mesmo permitir coexistências e inserções de vária ordem sem que isso afecte a psicologia científica como tal, limitando-lhe, todavia, as coordenadas.

Nesta linha, gostaríamos de reafirmar que, se quanto ao método a psicologia buscou directamente raízes nas ciências da natureza, todos os seus possíveis conteúdos nasceram indirectamente, como as outras ciências, da matriz filosofia na sua feição de geradora do pensamento científico. Nem doutra forma se explica que alguns sistemas filosóficos tenham assumido e assumam posições mais ou menos estruturadas em relação à psicologia.

Mas, nascida esta, todo o processo de crescimento ainda breve, se tem feito, como não podia deixar de ser, por emancipação progressiva ora confundindo objecto e método, ao escudar-se parcelarmente noutras ciências experimentais, ora procurando finalmente por aproximações sucessivas organizar as suas próprias fontes, que é como quem diz, delimitar por redução necessária os seus pontos de partida. Supomos que a sua existência como ciência nascente faz prever uma evolução cujas exteriorizações aqui e ali por vezes irrompem abruptamente com a enganosa aparência da ciência feita e adulta; porque, pelo contrário, se encontra apenas em

crescimento, necessita de todos os apoios que implicam os seus processos de maturação, tais como condições espaço-temporais adequadas, estímulo e garantias de que pode crescer sem confusões nem simplificações perturbadoras. Talvez possamos então concluir que:

1.º — Ultrapassada a ligação de simbiose com outras ciências a psicologia distinguir-se-á delas fundamentalmente pelo seu objecto, que será o conhecimento do homem como ser factual, através das suas manifestações mensuráveis ou simplesmente observáveis, e da análise metodológica dos respectivos processos de formação.

2.º — Didacticamente, tais processos de formação não poderão deixar de ser estudados numa perspectiva evolutiva quer a nível de desenvolvimento intelectual; quer a nível do desenvolvimento afectivo, orientando-se no sentido da inter-acção dos dois planos.

3.º — Como ciência autónoma, tende a Psicologia a fundamentar-se epistemologicamente, pois outra não é a pretensão actual da psicologia genética, utilizando instrumentos gerais da metodologia experimental como a estatística, pondo em discussão instrumentos específicos já conhecidos de que são exemplo todas as variedades de testes e de aparelhagem manipulável e criando novas técnicas, objecto do mesmo rigor e precisão⁸.

⁸ Para melhor esclarecimento, gostaríamos de resumir sumariamente alguns dos postulados do que acabamos de referir. Assim, tendo em consideração que na evolução intelectual quantificável, é particularmente importante a noção de «estádio», no sentido de fase evolutiva, salientamos que:

a) aquele se realiza por transformações reversíveis sempre relativas a uma invariante ou esquema de conservação (ex.: substância, peso, volume), não independente de estruturas lógicas progressivas.

b) que há símbolos tradutores do nível de compreensão pré-operatório e operatório do sujeito (ex.: imagens mentais).

c) que é verificável, do ponto de vista intelectual, uma diferenciação progressiva de formas e conteúdos a partir das operações concretas pela qual o sujeito passa ao pensamento hipotético dedutivo.

d) que a unidade de conduta nos planos intelectual, social e afectivo é verificável entre os 12 e os 15 anos.

e) que tais asserções podem ser determinadas e confirmadas com material adequado e modalidades específicas de utilização.

Realmente, aquela primeira pretensão é patente quando a psicogénese aparece como recurso essencial oferecido à epistemologia pela psicologia «*puisque moyen unique d'examiner la construction d'une structure en rapport avec les activités du sujet...*». Todavia, na aplicação das novas técnicas acima citadas não deixa de se considerar como Claude Bernard que «*... c'est par la détermination quantitative d'un effet relativement à une cause donnée que la loi des phénomènes peut être établie...*», não é menos rigoroso o tratamento estatístico, nem estas provas pelo facto de se orientarem no sentido de localizar, delimitar e caracterizar estádios ou fases de evolução se furtam à objectividade da observação e da experimentação. Por outro lado, como técnicas inseridas num contexto explicativo, gozam em relação aos testes habituais, de uma linha de coordenação e coerência internas, que aqueles, como sabemos, funcionando de fora para dentro por acumulações sucessivas, nem sempre possuem — (somos aqui tentados com P. Fraisse a recordar a posição de Lévi-Strauss em relação à sociologia, chamando a atenção para o facto de que a fundamentação da lei exige selecção de casos, e sugerindo que é o critério de selecção e não a percentagem dos casos que imediatamente é posto em questão).

4.º — Ainda como ciência autónoma e desligada em absoluto, tanto quanto a autonomia pode ser um estado absoluto, do pensamento filosófico, deverá manter com este as relações que outras ciências humanas mantêm com a filosofia a nível epistemológico e antropológico.

Os termos em que estas relações se deverão efectuar envolvem implicações a ponderar noutro trabalho que não este, cuja intenção, repetimos, foi única e exclusivamente reflectir um pouco sobre os âmbitos da psicologia experimental.

Maria Isolina Pinto Borges

PREMIER CYCLE

1ère année

Introduction à la Psychologie
Psychologie Expérimentale I
Anatomie et physiologie du système nerveux
Mathématiques et statistiques
Introduction à la logique
Travaux pratiques de psychologie expérimentale

2ème année

Psychologie expérimentale
Psychologie de l'enfant et de l'adolescent
Méthodologie
Introduction à la méthode des tests et à la psychologie différentielle
Psychologie sociale expérimentale
Psychologie de l'affectivité et personnalité
Statistiques
Travaux pratiques de psychologie expérimentale
Initiation aux grands domaines d'application de la psychologie
Recherche (et séminaire)

DEUXIÈME CYCLE

OPTION A: *Psychologie génétique et expérimentale*

3ème année

Logique
Epistémologie
Neuropsychologie
Psychologie générale expérimentale ou

Psychologie sociale expérimentale
 Psychologie de l'affectivité et personnalité
 Méthodologie
 Psycholinguistique
 Ethologie ou modèles
 Diagnostic opératoire
 Laboratoire
 Recherche (et séminaire)

4ème année

Psychologie génétique
 Méthodologie
 Psychologie générale expérimentale ou
 Psychologie sociale expérimentale
 Psycholinguistique
 Ethologie
 Modèles et simulation du comportement
 Recherche (et séminaire)
 Déontologie (réflexion sur la psychologie en tant que science fondamentale et science appliquée)

OPTION B: Psychologie clinique

3ème année

Enseignements communs

Psychologie générale expérimentale
 Neuropsychologie
 Psycholinguistique

Enseignements spécifiques

Le développement moteur et ses troubles
 Le développement affectif et social et ses troubles

Méthodes d'examen psychologique

Le diagnostic opératoire
 Les méthodes et techniques «classiques»
 Les méthodes projectives
 L'entretien en psychologie clinique
 Présentation de cas (Ajuria Guerra)
 Recherche spécialisés (et séminaire)

4ème année

Enseignements communs

Psychologie génétique
 Psychologie sociale expérimentale

Enseignements spécifiques

Handicapés sensoriels, arriérations mentales, troubles du langage, etc.
 Les apprentissages scolaires de base et leurs troubles

L'examen psychologique

T.P. examen opératoire
 T.P. examen «classique»